

O ATAQUE AO FORTE DE COIMBRA

Cap Inf FILADELFO REIS DAMASCENO

O ataque ao Forte de Coimbra foi o primeiro lance da guerra. A 27 de dezembro de 1864, Vicente Barrios, cunhado de Lopes, com potente frota composta de oito vapôres, duas escunas e algumas chatas, transportando 3.200 homens, surge inesperadamente ante o baluarte e intima os seus defensores a entregá-lo sem tardança. Comandava os sitiados o Ten Cel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero que para a defesa da praça, contava apenas com 155 homens, inclusive 40 civis, dos quais, 15 eram prisioneiros e 10, índios guaicurús. A correspondência trocada pelos dois chefes militares, modelo de respeito e diplomacia entre combatentes, merece reproduzida. O guarani, ciente da sua superioridade numérica, intima com arrogância:

“A bordo do vapor paraguaio Igurey — Dezembro, 27 de 1864 — O coronel comandante da Divisão em operações no Alto Paraguai, em virtude de ordens expressas de seu Governo vem tomar posse da fortaleza de seu comando, e querendo dar uma prova de moderação e humanidade, convida-vos para que a renda dentro de uma hora, pois se assim não o fizerdes, e cumprido o prazo assinalado, passará a tomá-la à viva fôrça, ficando a guarnição sujeita às leis do caso. — Enquanto espera sua pronta resposta, fica de V. S. atento — Vicente Barrios. Ao senhor comandante de Coimbra”.

A emoção causada pela nota foi tamanha que Portocarrero não reconheceu pela caligrafia o seu antigo discípulo no Paraguai. Vencendo, contudo, o embaraço do primeiro instante, responde com altivez:

“Distrito Militar do Baixo Paraguai, no Forte de Coimbra, 27 de dezembro de 1864. — O Tenente-Coronel comandante dêste Distrito Militar abaixo assinado, respondendo à nota enviada por S. Excia. o Sr. Coronel Vicente Dappy, comandante da Diviisão em operações no Alto Paraguai, em que declara que, em virtude de ordens expressas de seu governo, vem ocupar esta fortaleza, e que querendo dar uma prova de moderação e humanidade convida para que dentro de uma hora se renda, pois que não o fazendo e cumprido o prazo assinado procederá a tomá-la a viva fôrça, ficando a guarnição sujeita às leis

do caso; tenho a honra de declarar a v. excia que segundo o regulamento e ordens que regem o Exército Brasileiro, a não ser por ordem superior, a quem transmito a dita, só pela sorte e honra das armas o fará, asseverando a V. Excia que os mesmos sentimentos de moderação e humanidade que nutre V. Excia também nutre o abaixo firmado. Fico aguardando as deliberações de S. Excia, a quem Deus guarde. — Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, Tenente Coronel comandante. A S. Excia. o Sr. Coronel D. Vicente Dappy.”

Já a Barrios causou surpresa encontrar ali o seu antigo mestre. A certeza de que teria pela frente um chefe competente causa-lhe preocupação e vai influenciar o seu comportamento futuro. É a única explicação plausível para seu procedimento dúbio, incerto, cauteloso em demasia.

Esse dilema psicológico, aliás, foi percebido pelo General Melo Rêgo que, com muita propriedade, assinala em “O Forte de Coimbra”, publicado na Revista do I. H. B. vol. 67, pág. 113: “A hesitação, receio, falta de firmeza e de deliberação pronta no modo por que se aveio Barrios diante de Coimbra (...), revelam certa preocupação de espírito, uma coisa íntima que dificultava a liberdade de agir”.

As onze horas teve início a preparação mas de tal modo imprecisa que nenhum projétil atingiu o Forte. O 6º Batalhão desembarca e aproxima-se protegido pela vegetação expressa da margem direita enquanto no lado oposto a frota e a bateria continuavam a bombardear. Os guaranis investem pela gola e pelo sul, atingem as muralhas e alguns galgam os parapeitos da fortaleza. Os defensores reagem heróicamente quase extinguindo a munição de que dispunham mas mantendo a posse do baluarte. Há a ressaltar também no primeiro dia de combate a descida do rio feita pelo Tenente Balduino de Aguiar que no comando interino da Anhangabaí enfrentou o inimigo com bravura impedindo-o de ocupar melhores posições para o ataque. Somente com o cair da noite, às 19 horas, cessa o tiroteio, deixando o inimigo os seus mortos e feridos no campo de luta e reembarcando nos seus navios.

Foi uma noite de febril atividade no Forte. Para o dia imediato, quando era de se prever maior ímpeto da tropa atacante, restavam apenas 2.500 cartuchos. Como os homens não podiam ser desviados dos setores de vigilância coube às mulheres ali refugiadas, em número de setenta, a missão de fabricar a munição. Dirigidas por D. Ludovina, a esposa do comandante, conseguiram fazer 4.000 cartuchos, além de reduzir balas de chumbo de maior calibre para adaptá-las as espingardas miniés. Na falta de papel para fazer buchas para os fuzis romperam as próprias saias a fim de que as armas pudessem permanecer atirando. Embora escassa, a munição daria para fazer face as arremetidas daquele dia, desde que poupada ao máximo.

No dia 28 os paraguaios atacam com elementos dos 6º e 7º Batalhões com tal impetuosidade que parecia iminente a queda de Coimbra. As vagas sucediam-se ininterruptas descendo em direção a gola a tôda velocidade. Os defensores aguardavam que se aproximassem para poupar munição. Quando estavam ao alcance das armas assediadas tinha início a fuzilaria completada por granadas e lanternetas partidas do Anhangabai.

Em dado instante, a falta de água torna a defesa, insustentável pois a sede começava a arrefecer o ânimo dos mais bravos. E quando D. Ludovina ordena ao músico Verdexas que suba à muralha do forte conduzindo a imagem de Nossa Senhora do Carmo, Pedroeira do Forte, e a exiba aos atacantes. Ao vê-la, cingida na faixa vermelha do comandante, levantada nas améias os combatentes cessam fogo, independente de qualquer comando estabelecendo-se uma trégua tácita. Valendo-se da pausa guerreira em que os combatentes davam vivas e gritos entusiásticos em louvor da Virgem, duas mulheres de soldados, Aninha Cangalha e Maria Fuzil, descem o rio corajosamente, enchem as vasilhas e regressam sem ser molestadas.

Quando o soldado Verdexas desce da amurada, com a imagem da santa, a luta prossegue, agora sem o calor e dramaticidade anterior. O ataque teve o seu ímpeto diminuído e, com isso, os defensores viram renascer as suas esperanças de salvação. Ao fim do dia, os paraguaios sentiam-se cansados para prosseguir na luta e resolvem deixar o ataque decisivo para o dia imediato. Os brasileiros viviam momentos angustiosos: a munição de Infantaria praticamente esgotada e sem possibilidade de refazê-la por falta de matéria-prima, as mulheres exaustas pela vigília, os homens esgotados pelos combates e os víveres escasseando cada vez mais.

A noite, após tomar conhecimento dos resultados colhidos por uma turma de reconhecimento, é que Portocarrero avalia o verdadeiro efetivo do inimigo. Convocado um conselho de guerra, dêle participam os oficiais do Forte e o 1º Tenente Balduino de Aguiar, os quais, decidem efetuar a retirada naquela mesma noite, tendo, antes, o cuidado de destruir o que não se pudesse transportar e fôsse ser útil ao inimigo.

Na noite escura foi feito o embarque, em ordem, as mulheres e crianças seguidas da guarnição. A menina Carlota, filha do Comandante conduzia nos braços a imagem de N. S. do Carmo. A operação era feita com o máximo sigilo quando um choro de criança ameaçou, de repente, denunciar a retirada no seu início. Portocarrero compreendeu a gravidade da situação e buscou com a vista o lugar de onde vinha o pranto. Os seus olhos encoutram Ludovina com uma expressão de angústia na face. Ela tentava acalmar o filho de ambos que chorava inconsolavelmente indiferente aos sucessos da guerra. O Comandante ordena rígido e marcial calando o amor eterno: — Senhora, faça calar esta criança, senão...

É fácil imaginar o desespêro interior da grande heroína e que, múltiplos artificios usou para fazer cessar o pranto do filho querido. O certo é que minutos depois, a criança dormia aconchegada no calor amigo do seio materno e a retirada foi coroada de êxito. Quando iniciou a marcha rio acima, superlotada, a Anhangabaí ia sendo levada pela corrente e foi preciso que lhe aumentasse a pressão da caldeira para, a todo vapor, largar da margem e prosseguir viagem.

Ao amanhecer, o Anhangabaí já havia deixado pela pôpa o heroico forte que só então cairia em poder dos paraguaios. Ao penetrarem na fortaleza os guaranis sentiram-se logrados por haver bombardeado durante horas as muralhas já evacuadas.

Ao ensejo do centenário da Guerra do Paraguai é justo evocarmos o evento de Coimbra e reverenciar a memória daqueles bravos: o Tenente João de Oliveira Melo, cognominado Melo Bravo ou Melo Sará, que com coragem inexcedível defendeu a gola do Forte durante dois dias, suportando os mais violentos ataques, além de comandar sortidas para recolher feridos. Capitão Antonio Augusto Conrado, Comandante da Artilharia e que também efetuou sortidas. Balduino de Aguiar, Capitão Benedito de Faria, Comandante do Forte, e muitos heróis anônimos, homens e mulheres, que merecem a nossa admiração e respeito.

“Já se vai concedendo ao PROFESSOR o direito de ser visto no seu augusto lugar, pelo convencimento, a que a nossa conduta leva os nossos julgadores, de que o MAGISTÉRIO não é um emprêgo, que remunera — é uma devoção, que apaixona; não é uma profissão que faz rotina — é um ofício que interessa a alma; não é uma ocupação, que abre campo aos improvisadores — é um sacerdócio que abarca a consciência”.

Jonas Correia, Gen Prof